



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

ENTRE FOTOS E FATOS: AUTORIA E ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA EM GUIA AFETIVO DA PERIFERIA, DE MARCUS VINÍCIUS FAUSTINI.

Maíra Silva da Fonseca Ramos (UnB)

Anderson Luís Nunes da Mata (UnB)

RESUMO:

Pretende-se discutir a escrita de si presente no livro *Guia Afetivo da Periferia* (2009), de Marcus Vinícius Faustini, que se insere no projeto maior da coleção chamada *Tramas Urbanas*, editada pela Aeroplano, que dá visibilidade a eventos culturais e sociais que agora ocorrem nas periferias das grandes cidades brasileiras, cujas narrativas são contadas pelos próprios protagonistas. Narrado em primeira pessoa, com identidade implícita entre autor-narrador-personagem, a ficha catalográfica insere o livro como “ficção”, ao passo que a trajetória pessoal do autor narrada e as mais de 50 (cinquenta) fotografias presentes na obra deixam dúvidas quanto ao correto enquadramento: romance ou autobiografia? Se a catalogação sugere a leitura da obra enquanto romance, como entender as diversas fotografias do autor trazidas para conhecimento do leitor, que, ao menos de forma aparente, parecem confirmar o pacto autobiográfico? São esses questionamentos que o presente artigo pretende trazer à discussão.

Palavras-Chave: *Guia Afetivo da Periferia*. Marcus Vinícius Faustini. Autoria. Autobiografia.

Democratização do fazer literário: Coleção Tramas Urbanas

O perfil dos escritores brasileiros é bastante homogêneo, vide as conclusões da pesquisa coordenada por Regina Dalcastagnè junto ao Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da UnB, que aponta serem os escritores, em sua maioria, homens, brancos, de classe média¹. Da mesma forma, os personagens trazidos nos livros publicados pelo mercado editorial atual brasileiro parecem-se em demasia com seus autores, talvez porque lhes seja mais confortável falar sobre a realidade que vivenciam.

1 O raio-x da pesquisa, que teve como corpus os romances publicados pelas três maiores editoras brasileiras até o ano de 2004, assim detecta: “Na narrativa brasileira contemporânea é marcante a ausência quase absoluta de representantes das classes populares. Estou falando aqui de produtores literários, mas a falta se estende às personagens. De maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média. O que não significa que não possa haver aí boa literatura, como de fato há – mas uma notável limitação de perspectiva.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18)

Neste cenário de ausências, surge a Coleção *Tramas Urbanas*, idealizada pela professora e crítica literária Heloísa Buarque de Hollanda, com o patrocínio da Petrobras, que traz, em seus vinte e nove títulos, editados pela Aeroplano de 2007 a 2013, experiências que acontecem agora nas periferias brasileiras, contadas sob a ótica dos próprios protagonistas.

A referida Coleção, mais que dar visibilidade a esses fenômenos culturais, acaba também inventando autores, como é o caso de Marcus Vinícius Faustini, cujo livro *Guia Afetivo da Periferia* é objeto da presente pesquisa. Além de juntar escritores novos aos já consagrados no âmbito da chamada Literatura Marginal², a exemplo de Sérgio Vaz, Allan da Rosa e Sacolinha, a *Tramas Urbanas* também traz ao público trabalhos acadêmicos e de cunho jornalístico, em posição de diálogo, que pensam a produção dos autores moradores das periferias de grandes cidades brasileiras, reconhecendo-os como intelectuais.

Ao invés de objeto da escrita alheia, os autores periféricos passam a ser sujeitos da própria escrita, trazendo à cena debates importantes sob o ponto de vista de quem fala - os autores -, oferecendo diversidade ao perfil sociológico dos escritores brasileiros (NASCIMENTO, 2012, s/p).

Os autores que publicam pela Coleção *Tramas Urbanas* trazem para a literatura a visão de que o fazer literário não deve ficar circunscrito à produção das elites, permitindo pensar em uma nova perspectiva que rompa com a visão hegemônica reinante nesse cenário. Ainda, os acadêmicos que se debruçam sobre a produção literária dos autores marginais ou periféricos não desconhecem que as obras escritas pedem que sejam trazidos novos critérios de análise e valoração das obras (ZIBORDI, 2004, p. 81).

Nesse sentido, a Coleção escolhida insere-se num projeto maior de democratização do processo de produção da literatura, oferecendo pluralidade de experiências literárias nesse campo de ausências sentidas. A perspectiva inscrita na obra eleita (e nos demais livros da *Tramas Urbanas*, cujos autores são os próprios protagonistas) é a do morador da periferia, pobre, trabalhador, que em seu cotidiano vivencia a dura realidade de exclusão social e consegue mudar a própria história, reinventando seu lugar de estar no mundo.

2 Literatura Marginal e Literatura Periférica serão aqui utilizadas como expressões sinônimas, a indicar a literatura produzida por marginalizados sociais, com o recorte de classe social, especificamente produzida por escritores moradores das periferias de grandes cidades brasileiras.

A pesquisadora Lucía Tennina (2009, s/p), abordando a *Tramas Urbanas* quando esta só contava com os dez títulos iniciais, faz contundente análise que começa pelas capas, cujas fotografias pixeladas e com sobreposição de imagens parecem adiantar uma ideia de periferia em forma de diálogo.

A capa do *Guia Afetivo da Periferia*, com suas imagens sobrepostas, confirma essa ideia de diálogo, nela avulta a fotografia (cortada) de um menino trajando uniforme de escola, ladeado por placas indicativas de direção e um mapa, valendo informar que as imagens constantes da capa irão aparecer ao longo da obra, constando, ao fim do livro, um índice de imagens³.

O projeto gráfico de cada um dos livros traz, ainda, diversas fotografias entremeadas aos textos que, por sua vez, não representam imagens homogêneas, mas em sobreposição, tal qual um mosaico, corroborando também essa ideia de diálogo.

Analisado o perfil dos escritores dos dez volumes iniciais da Coleção - o que pode ser estendido para os demais volumes -, Tennina (2009, s/p) aponta que há divisão em dois grupos de autores: aqueles oriundos das periferias das grandes cidades brasileiras e, por outro lado, o grupo dos artistas ou acadêmicos oriundos da classe média, mas estudiosos dos fenômenos que ocorrem nas periferias.

O auxílio econômico dado pela patrocinadora Petrobras permitiu que os escritores oriundos das periferias brasileiras (alguns deles inéditos em publicação de livros, mas com intensa produção cultural em prol de suas comunidades, como é o caso do próprio Faustini) fossem encorajados e pudessem divulgar suas histórias, trazendo novas perspectivas sociais ao cenário literário.

Guia Afetivo da Periferia: um novo olhar sobre a periferia e seus habitantes

A obra escolhida apresenta a perspectiva de um sujeito pobre e sua infância como morador da cidade de Duque de Caxias e, após, sua juventude vivida em um conjunto habitacional de classe média baixa do bairro de Santa Cruz, periferia da cidade do Rio de Janeiro. A narrativa traz as estratégias desenvolvidas pelo rapaz (narrador protagonista) para romper os espaços e construir suas bússolas de orientação pela cidade do Rio de Janeiro.

³ Restou frustrada a tentativa de obter autorização, junto ao autor Marcus Vinícius Faustini, para que as imagens pudessem ser juntadas ao presente texto, de modo que as fotografias constantes do *Guia Afetivo da Periferia* somente serão referidas ao longo deste trabalho.

O protagonista, narrando em primeira pessoa, numa narrativa fragmentada e de tom acelerado, traz ao leitor as lembranças de menino pelos subúrbios e, depois, do já rapaz em suas andanças pela cidade, trazendo à cena locais pouco turísticos, como o supermercado, a escola de teatro, o cemitério do Caju e os demais locais dos subempregos do narrador, numa vida que margeia a linha do trem e o trajeto de van.

O autor, atento observador da cidade e de suas personagens anônimas, nos traz a conhecimento passagens de sua vida em tom memorialista, mas não sem reconstrução literária desses eventos, dotados de evidente valor afetivo para o protagonista narrador:

O prazer de ver o céu brilhar pela janela nas casas diminuía também o calor do vagão, mas era interrompido pelas repetidas vozes do vendedor de Prestobarba. Devido à falta de grana e à presença constante de todo tipo de vendedor e produtos em toda parte, por várias vezes prestei muita atenção no jeito de venderem. Cogitava trabalhar assim. Falar dava dinheiro, escrever, não.

(...)

Perceber falas, tons, vozes e frases ditas foi ocupando o lugar do procedimento de criar histórias. As oportunidades de tramos com a voz foram aparecendo: animador de festa, Papai Noel no Carrefour de São Gonçalo, Urso Fred no Shopping Madureira e toda sorte de subempregos que me serviam para ter alguma grana. (FAUSTINI, 2009, p. 35-36)

Um sujeito-autor que bem cedo percebe a possibilidade de ficcionalização da vida⁴ e daquilo que o envolve, já que mesmo os fatos mais simples e as observações mais banais são elevadas a ganhos de distinção, como observado por Gabriel Estides Delgado, que menciona que a recriação da realidade empreendida no livro de Faustini “vem a redimensionar a experiência individual”, operando “verdadeira transformação do dado prévio” (DELGADO, 2013, p. 43).

Sobre o livro e sua escrita híbrida do ponto de vista da estrutura, porque mescla ficcionalização autobiográfica e fotografias autorais, Vinicius Mariano Carvalho observa a importância da “filiação ao tecido urbano, construindo uma sintaxe que é a da circulação urbana, transitando entre os espaços considerados centro e periferia, sem hierarquização dos mesmos”, já que o autor se inscreve na cidade (CARVALHO, 2015, p. 37).

4 “Nunca gostei do excesso de realidade presente na boca dos arautos que falam sobre o Rio, seja em mesa de bar, entrevista de canal a cabo ou seminário de universitárias charmosas. Na cidade, eu procuro a ficção. (FAUSTINI, 2009, p. 74) Prossegue o autor: “Não se trata de viver algum personagem. Trata-se de poder entregar-se à fruição. De não se preocupar com as reações faciais que você terá de fazer ao encontrar pessoas. No Rio de Janeiro da ficção, a liberdade é total.” (p. 75)

Em entrevista intitulada *Guia Afetivo da Periferia de Marcus Faustini, um olhar de dentro para fora*, quando questionado sobre o surgimento da ideia do livro, o autor responde que a narrativa se traduz em um gesto estético, objetivando demonstrar “a potência e a complexidade do modo de vida da periferia carioca”. E prossegue afirmando a importância do livro como um convite a um outro olhar sobre a periferia:

Só é possível conhecer a experiência do outro através da expressão. Neste livro, meu objetivo foi demonstrar a expressão da subjetividade de um “moleque” que circula a cidade -a cidade dentro dele e ele dentro da cidade- queria um contato íntimo do leitor. Apresentar esse sujeito da periferia não como um ser de carências, mas com sua complexidade e potência. Por isso a opção de fragmentar o livro em pequenos fluxos de pensamentos do personagem. (FAUSTINI, 2010, s/p)

Faustini constroi seu personagem como um sujeito que circula a cidade e que pensa sobre si enquanto se locomove, mas a tônica que também recai sobre a narrativa, além desse tom memorialístico, é a que situa o narrador e suas histórias num Rio de Janeiro da década de 80, o que pode ser visto, especialmente, pelos bens de consumo presentes: o ventilador FAET de aço, que abre a narrativa; a vitrola portátil vermelha e bege, em que ouvia os discos de vinil em cima do telhado de um conjunto habitacional do Terceiro Mundo; o leite de saquinho da marca CCPL, consumido pela família; a lata de leite moça, que era a alegria do menino rapaz depois de uma ida ao supermercado com a família; a garrafa de vidro de 2 litros de coca-cola, que somente era consumida aos domingos; as etiquetas das marcas Cyclone e Company, que, uma vez coladas às roupas, serviriam para retirar o protagonista da invisibilidade; o tênis all star, com o qual rompia fronteiras pela cidade; o picolé dragão chinês, alívio no calor do vagão lotado do trem.

Importantes para a narrativa, a cidade – e seus diferentes locais – e os objetos ajudam o narrador protagonista a se constituir enquanto sujeito, auxiliam-no a compreender melhor o mundo e a determinar sua percepção sobre as coisas. Fazem parte da mesma matéria afetiva de que é feita o protagonista.

Uma das inovações trazidas pelo livro é explicada pelo autor em resposta ao questionamento formulado pela entrevistadora Laila Melchior, que indaga a Faustini sobre o lugar da memória para a população das periferias urbanas brasileiras. O autor aponta que a expressão literária também deve ser reconhecida como meio de expressão da experiência das vivências nos territórios populares, como já ocorre em outras linguagens, como o samba, o funk. E vai além:

Frequentemente percebemos a memória como uma linguagem narrativa da classe média: biografias, reminiscências, etc. Personagens populares estão sempre representados como agentes de luta pela sobrevivência, do agora. Potencializar experiências de expressão onde os territórios e sujeitos populares aparecem também pela memória é apostar na diversidade das formas de viver nesse país. Diria que pode, inclusive, contribuir para radicalizar a democracia. (FAUSTINI, s/d, s/p)

Essa democratização é a tônica da presente narrativa: por um lado se pode entender que a escrita do livro representa, em si mesma, parte do projeto de democratização do direito dos habitantes das periferias de escreverem as suas próprias histórias e, por outro, a democratização de acesso aos espaços públicos por cidadãos menos abastados.

Realidade versus Ficção

Guia Afetivo da Periferia estimula a pensar na tensão entre a escrita factual e a ficcionalização de si por parte do autor Marcus Vinícius Faustini. Esse estreitar de vínculos entre o produto literário e a realidade vivenciada é um dado que não se pode olvidar na literatura contemporânea, fato que não é exclusividade das obras produzidas atualmente no Brasil.

Como aponta Diana Klinger, esse é um fenômeno que se nota presente nos romances contemporâneos latino-americanos, contudo o autor que retorna e deixa marcas em sua escrita não é aquele “sujeito pleno no sentido moderno, cartesiano, mas haveria um deslocamento: nas práticas contemporâneas da 'literatura do eu' a primeira pessoa se inscreve de maneira paradoxal num quadro de questionamento da identidade” (KLINGER, 2012, p. 34).

Catalogado como obra ficcional (ficção - romance brasileiro)⁵, *Guia Afetivo* nos mostra que a recriação do eu através da escrita, mais que mera transposição e narração seca e documental de fatos ocorridos, pode ser vista como um trabalho de ficcionalização de si. Isso porque

No momento em que um escritor começa uma narração ou um poema, ele tem a possibilidade de se ficcionalizar. A função narrativa lhe dá a

5 O enquadramento enquanto obra ficcional foi opção do autor em conjunto com a editora Aeroplano. No caso, houve efetiva participação do autor na escolha do subtítulo, o que talvez explique que esse livro seja o único da Coleção *Tramas Urbanas* (que possui mais de 20 títulos) catalogado como ficção.

liberdade de enriquecer seu papel de contador, de modular sua atitude com relação à história contada, por alusões, comentários, à expressão de sua verve, para se construir como “herói extra”. (COLONNA, 2014, p. 65)

Assim, o trabalho de se recriar através do texto nunca é literal, seja porque a memória é falha, seja porque há boa dose de inventividade deixada a cargo do escritor, que pode omitir fatos que reputa não relevantes, que seleciona passagens da vida pessoal que serão transcritas para a narrativa, que aumenta e supervaloriza experiências pessoais contadas.

Guia Afetivo da Periferia traz um narrador em primeira pessoa, não nominado de forma explícita, que conta ao leitor suas experiências: sua vida aparece descortinada em suas pequenas e grandes conquistas, sua formação enquanto leitor, sua formação de ator, seu papel de filho, de amigo e, sobretudo, de andarilho numa grande cidade brasileira.

O livro, apresentando narrativa dotada de evidente caráter pessoal, cabe na conhecida definição de Lejeune acerca da autobiografia, que a insere como sendo a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 16).

Philippe Lejeune é nome importante quando se pensa na valorização do discurso autobiográfico e em sua inclusão no campo dos estudos literários. O autor francês emprega o termo “autobiografia” para designar qualquer texto regido por um pacto autobiográfico, no qual o autor propõe ao leitor um discurso sobre si, mas também uma narrativa que visa responder à pergunta: “quem sou eu?” (LEJEUNE, 2014, p. 63).

Ainda que conhecêssemos a fundo a história de vida da “pessoa real” Marcus Vinícius Faustini, não se pode deixar de perceber que o enquadramento ficcional da obra não nos dá indicação de que o autor fez a promessa de dizer somente a verdade, daí não se poder falar de um pacto autobiográfico explícito. Assim, uma explicação possível para a presença das 58 (cinquenta e oito) fotografias reais do autor no *Guia Afetivo da Periferia* seria a confirmação do pacto autobiográfico. Através das fotos é como se o autor afirmasse: “Eu, pessoa real Marcus Vinícius Faustini, estou aqui e digo a verdade. Estas fotografias são a prova!”.

Confirmando a autenticidade de tais fotos e sua ligação à história real da pessoa por trás do narrador protagonista, o livro contém, ainda, fotos da Carteira de Trabalho de Marcus Vinícius Faustini e sua Carteira de funcionário do Banco do Brasil.

Não se pode perder de vista que os textos autobiográficos, à semelhança das biografias, diferenciam-se dos textos ficcionais por serem “referenciais”, na medida em que “se propõem a fornecer informações a respeito de uma 'realidade' externa ao texto e a se submeter a uma prova de verificação” (LEJEUNE, 2014, p. 43).

Lejeune aponta a necessidade do pacto autobiográfico para que a leitura funcione, ou seja, passa a ter importância ímpar a figura do receptor da obra, na medida em que a autobiografia é vista como um gênero contratual, isso a partir da consideração do contrato implícito ou explícito proposto pelo autor ao leitor, que determinará o modo de leitura do texto (LEJEUNE, 2014, p. 53-54).

Desde a capa do *Guia Afetivo da Periferia* vê-se a opção de Faustini por vincular a narrativa, que se diz ficcional, aos dados de realidade extratextuais, ao trazer a foto de um Faustini ainda menino, em sobreposição com imagens de placas indicativas de direção localizadas na cidade do Rio de Janeiro, como visto anteriormente.

A primeira foto do livro nos mostra um Faustini menino, em fotografia de escola, sentado de braços cruzados e uniformizado, com a bandeira do Brasil como pano fundo, olhando em frente, onde é possível ler a data 29.08.84; a última fotografia traz a foto de um Faustini também menino, trajando roupa de festa junina, segurando seu chapéu de palha, com desenho de bigode no rosto feito por lápis preto, olhando para o lado⁶.

Ocorre que, no caso, tratando-se de um autor que possui somente essa obra e não é por demais conhecido do público leitor, a questão que surge é: existe diferença entre a leitura de um texto ficcional e de um texto apontado como autobiográfico? Se partirmos da constatação de que a autobiografia seria, em verdade, um modo especial de leitura, é de se questionar se ao leitor caberia conhecer os dados extratextos para, tal qual um detetive ou um juiz, ir atrás de pistas que permitissem buscar os dados de realidade presentes na obra.

Mas volto à pergunta: e se não conheço esses dados de realidade presentes no texto literário, a leitura deixa de ter valor? A obra fica menos importante ou menos

6 Ambas as fotografias, ao serem incluídas no índice de imagens, receberam a indicação de se referirem à pessoa real Marcus Vinícius Faustini. A primeira delas tem a menção: “Eu em uma foto de escola”; na última há a referência também à primeira pessoa do singular: “Eu numa festa junina.”

valorosa se lida apenas enquanto ficção? E indo mais além, há um limite preciso que separa as obras autobiográficas daquelas ficcionais?

A questão já foi objeto de indagação por renomados autores, dentre os quais cito, mais uma vez, Lejeune, não havendo uma resposta pronta e fácil ao questionamento. Ao revés, os limites entre ficção e autobiografia não são precisos, resultando em muitas ambiguidades a depender da definição que se adote⁷.

A história que nos é contada por Faustini, através da descrição de suas andanças pela cidade do Rio de Janeiro, de suas estratégias para obter dinheiro, de acesso à cultura tendo poucos recursos financeiros, de peregrinação por diferentes subempregos que eram o meio de possibilitar a sobrevivência financeira, poderia ser a de dezenas de jovens moradores de periferias brasileiras.

Com cenários inusitados e trazendo uma nova forma de olhar a periferia e seus habitantes, Marcus Vinícius Faustini constroi seu *Guia Afetivo da Periferia* através de uma escrita fragmentada e ágil, em que nada escapa de seu olhar atento: pessoas, lugares, cheiros, objetos. Inserida na Coleção *Tramas Urbanas*, a obra nos mostra que a representação do espaço periférico pode ser feita para além da pobreza e da violência comumente atreladas à imagem das periferias do Brasil.

Tomando por base os ensinamentos de Philippe Lejeune sobre autobiografia, viu-se que o livro problematiza a conceituação cunhada pelo escritor francês já que, embora catalogado como obra de ficção, as fotografias pessoais trazidas ao *Guia Afetivo da Periferia* tensionam os limites entre escrita ficcional e realidade, confirmando que essas fronteiras nem sempre são fáceis de serem transpostas.

Referências:

CARVALHO, Vinicius Mariano. Escrevendo-se na cidade: Exu e o Guia afetivo da periferia, de Marcus Vinicius Faustini. *Revista Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 45, jan./jun. 2015, p. 37-48.

7 Sobre o embaralhamento dos limites entre uma verdade de si e a ficção, pode-se citar os estudos da professora Luciana Hidalgo, que aponta ser necessário problematizar o termo “autoficção”, criado por Serge Doubrovsky em 1977, para nominar sua obra *Fils*, já que, apesar das inúmeras indefinições teóricas, o termo revela-se cada vez mais necessário (HIDALGO, 2013, p. 227). Na presente pesquisa, entretanto, optou-se por trabalhar apenas com o conceito de autobiografia, que já possibilita trazer à discussão o tensionamento entre escrita autobiográfica e escrita ficcional presente no livro de Marcus Vinícius Faustini.

COLONNA, Vincent. Tipologia da autoficção. In: *Ensaio sobre autoficção*. Org. Jovita Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 39-66.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: editora Horizonte / Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

DELGADO, Gabriel Estides (2013). Marcus Vinícius Faustini e a produção literária da biografia. *Revista Criação e Crítica*, n. 11, p. 36-47. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/59425>>. Acesso em 13 jun. 2016

FAUSTINI, Marcus Vinícius. *Guia afetivo da periferia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. Guia Afetivo da Periferia de Marcus Faustini, um olhar de dentro para fora. *Acontecências*, ano 7, número 41, fev./mar 2010. Disponível em: <http://www.joaodorio.com/site/index.php?option=com_content&task=view&id=490&Itemid=93> Acesso em 21 jul. 2016.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. *Entrevista a Laila Melchior*. s/d. s/p. Disponível em: <<http://oinstituto.org.br/?p=52>>. Acesso em 21 jul. 2016.

HIDALGO, Luciana. Autoficção Brasileira: influências francesas, indefinições teóricas. *ALEA*, Rio de Janeiro, vol. 15/1, jan./jun. 2013, p. 218-231.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LAUS, Egeus. *Resenha Guia Afetivo da Periferia: Todos somos Centros*. 2010. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/guia-afetivo-da-periferia-todos-somos-centros-1>>. Acesso em 21 jul. 2016.

LEJEUNE, Phillippe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Vozes Marginais da Literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

TENNINA, Lucía. Tramas urbanas: un posicionamiento teórico crítico sobre la experiencia cultural contemporánea de la periferia urbana carioca y paulista. *Revista Z Cultural (UFRJ)*, v. V, 2009. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/tramas-urbanas-un-posicionamiento-teorico-critico-sobre-la-experiencia-cultural-contemporanea-de-la-periferia-urbana-carioca-y-paulista-de-lucia-tennina-2/>> Acesso em 01 ago. 2015.

ZIBORDI, Marcos. Literatura marginal em revista. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 24, jul./dez. 2004, p. 69-88.